

MÁRTIRES DA FLORESTA AMAZÔNICA



10^o FÓRUM
SOCIAL
PAN-AMAZÔNICO

FICHA TÉCNICA

Título:

Mártires da Floresta
Amazônica

Bilingue:

Português – Espanhol

Autoria:

Grupo Articulação Ecumênica
e Inter-religiosa para o X
FOSPA

Organização:

Bianca Daébs
Patrícia Gordano
Dorismeire Almeida de
Vasconcelos
Vinícius Benites Alves

Pesquisa:

Katia Visentainer - Empório
das Ideias Marketing
Cultural

Projeto Gráfico,**Diagramação e Capa:**

Lamartite Sampaio - ZWA
Design

Revisão:

Lucyvanda Moura

Tradução:

Mercedes Semino

Assunto:

Bibliografias

Formato:

Físico

Páginas:

56

Editora:

Soffia10 Assessoria
Sociocultural e Educacional

Coeditora:

Tapiri Ecumênico e Inter-
Religioso

Local:

Salvador/BA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angelica Ilacqua CRB-8/7057

Mártires da Floresta Amazônica : 10º Fórum Social Pan-Amazônico / Grupo Articulação Ecumênica e Inter-religiosa para o X FOSPA.
Salvador, BA : Soffia10, 2022.
56 p. : il.

Obra bilíngue: português e espanhol
ISBN 978-65-996461-6-4

1. Floresta Amazônica – Ambientalistas – Biografia 2. Floresta Amazônica – Mártires – Biografia 3. Povos indígenas I. Grupo Articulação
Ecumênica e Inter-religiosa para o X FOSPA

22-3813

CDD 925.77

ÍNDICE

Apresentação	04	Rondônia - Nilce de Souza Magalhães – Nicinha	18
Povos indígenas: os mártires da Amazônia	05	Roraima - Povo Yanomami	19
Chico Mendes	06	Tocantins - Josimo Morais Tavares, Padre Josimo	20
Irmã Dorothy	07	Bolívia - Nicolasa Nosa de Cuvene	21
Zé Claudio e Maria do Espírito Santo	08	Colômbia - Alcides Jiménez Chicangana, Padre Alcides	22
Dom Pedro Casaldáliga	09	Equador - Alejandro Labaka e Inés Arango	23
Bruno Pereira	10	Peru - Irmã Maria Agustina de Jesús Rivas López, Aguchita	24
Dom Phillips	11	Venezuela - Yanomami mortos pelo exército	25
Acre - Wilson Pinheiro	12	A Amazônia tem salvação?	26
Amapá - Cacique Emyra Wajãpi	13	Fontes para o conteúdo desta publicação	27
Amazonas - Missionária Agostiniana Recoleta, Irmã Cleusa	14		
Maranhão - Paulino Guajajara	15		
Mato Grosso - Vicente Cañas Costa	16		
Pará - Dilma Ferreira Silva	17		

APRESENTAÇÃO

Depois de dois anos de Pandemia de COVID19, em que vivemos muitas perdas e incertezas que aprofundaram as crises existenciais, sociais e políticas no mundo e de modo particular no Brasil, o X Fórum Social Pan-Amazônico – FOSPA 2022 surge como espaço concreto onde o exercício profético construído coletivamente denuncia os pecados sistêmicos e estruturais que matam, roubam e destroem a vida dos povos Amazônidas. Ao mesmo tempo, fazem desse espaço lugar de anúncio de um tempo de renovação da esperança, coragem e fé que nos fazem nutrir os bons sentimentos e nos preparam para resistir com criatividade e lucidez a toda sorte de violência.

É nesse processo histórico de fé e resistência que se insere esta publicação lançada no Ato dos/as Mártires da Floresta Amazônica. Quando o povo se junta para fazer um ato manifesto e traz consigo a memória de defensores, defensoras, povos indígenas e Comunidades Tradicionais que viveram e morreram na defesa da vida, cujo fluxo percorre os caminhos que se fazem entre as veias e as seivas dessa imensa floresta, que segue sofrida e ameaçada, ele se torna Ato contínuo, na vida, nos sonhos e nos desafios desta e das novas gerações.

Neste livro estão registradas pequenas biografias dos/as Mártires da Floresta, uma para representar cada país da Pan-Amazônia e uma por cada estado do Brasil que compõe a Amazônia Legal. Mas ele registra também, em suas entrelinhas, o trabalho coletivo de um grupo ecumênico e inter-religioso que desde outubro de 2021 vem se articulando e se organizando para que toda potência dispensada em nossos encontros fosse, aos poucos, se tornando Ato dos/as Mártires da Floresta Amazônica no X FOSPA.

Por fim, esse é também um Ato contra fundamentalismos políticos e religiosos, é um Ato de fé e de muito respeito pelo sagrado revelado em cada modo de ser e existir neste chão. De nossa diversidade é possível plantar respeito e colher beleza, esperança e paz. Não falamos de um Sagrado que está acima de tudo e de todos. Ousamos experimentar uma ventania que corre livre entre nós e nos convida a Amar como um Ato revolucionário.

**Grupo Articulação Ecumênica e Inter-religiosa
X FOSPA 2022**

POVOS INDÍGENAS: OS MÁRTIRES DA AMAZÔNIA

No Brasil, a Amazônia é o lar de mais de 60% da população indígena. Importantes defensores da floresta, os povos originários foram os primeiros habitantes da região. A maior floresta tropical do mundo atravessa nove países, com 5,5 milhões de km² de extensão, 61% em território brasileiro, entre os estados do Amazonas, Acre, Amapá, Rondônia, Pará e Roraima e ocupa 49% do território nacional. Cerca de 440 mil indígenas vivem na Amazônia, divididos em 170 povos.

Um levantamento do Mapbiomas, divulgado no mês de abril deste ano, afirma que as Terras Indígenas (TIs) estão entre as principais barreiras contra o avanço da devastação ambiental. Nos últimos 30 anos, as TIs perderam 1% da vegetação nativa. Já nas áreas particulares, a perda foi de 20,6%.

A preservação, no entanto, ocorre à custa de assassinatos e episódios violentos. Segundo a Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 2021, indígenas foram as principais vítimas de assassinatos, mortes indiretas e episódios violentos provocados por conflitos no campo. No decorrer de 2020, a entidade identificou nove mortes por conflitos no campo em todo o território nacional. Em 2021, o número saltou para 109, um aumento de 1.110%. Desse total, 101 mortes foram de indígenas Yanomami, provocadas por ações do garimpo ilegal.

A Pan-Amazônia é marcada pela história corajosa e profética de muitos/as missionários/as, religiosos/as e defensores/as do meio ambiente, da preservação das florestas e dos povos originários, conhecidos/as como mártires. Mas mártires não são apenas pessoas individuais; há comunidades inteiras que são mártires, no sofrimento e na aniquilação, mas também na organização e na resistência.

MAS QUEM SÃO OS/AS GRANDES MÁRTIRES DA AMAZÔNIA?

Os povos indígenas são os verdadeiros mártires da Amazônia. Importantes defensores da floresta, os povos originários foram não apenas os primeiros habitantes da região, mas são também as maiores vítimas da guerra global, não declarada, contra a natureza. Há uma escalada de violência com ameaças contra indígenas, lideranças ambientais, defensores/as de direitos humanos e demais pessoas que trabalham pela sua proteção. A Amazônia tem muitos mártires, mas o maior número de mortes ocorreu entre indígenas.

Os povos indígenas e os/as defensores/as dos povos da floresta foram deixados à própria sorte pelo Estado brasileiro. Os/as verdadeiros/as mártires da Amazônia.

A todos os povos indígenas da Pan-Amazônia, nossa reverência e saudação!!!

CHICO MENDES

Brasil



OS SERINGUEIROS, OS ÍNDIOS, OS RIBEIRINHOS HÁ MAIS DE 100 ANOS OCUPAM A FLORESTA. NUNCA A AMEAÇARAM. QUEM A AMEAÇA SÃO OS PROJETOS AGROPECUÁRIOS, OS GRANDES MADEIREIROS E AS HIDRELÉTRICAS COM SUAS INUNDAÇÕES CRIMINOSAS

CHICO MENDES

É impossível falar das florestas no Acre, Brasil, sem mencionar Chico Mendes: seringueiro, líder sindical e defensor da Amazônia.

Chico Mendes nasceu em 15 de dezembro de 1944, em Xapuri, Acre. Era filho de migrantes cearenses que tentavam uma vida melhor na floresta. Aos nove anos de idade, Mendes começou a trabalhar como seringueiro para um grande latifundiário. E, embora nunca tenha recebido educação formal, ele aprendeu a ler, ouvia estações de rádio do exterior e tornou-se muito consciente da exploração e das injustiças.

Durante a década de 1970, os seringueiros começaram a se organizar. Chico Mendes ajudou a estabelecer um sindicato de trabalhadores/as rurais em Xapuri e começou a lutar pelos direitos rurais. Nos anos 80, criaram um poderoso movimento social básico, estabelecendo um Conselho Nacional de Seringueiros e montando uma aliança com seringueiros, moradores/as ribeirinhos e povos indígenas que ficou conhecida como "Povos da Floresta", para lutar pelos direitos das pessoas mais empobrecidas e contra o desmatamento.

Como presidente do Conselho Nacional de Seringueiros, ele firmou parceria com o movimento internacional de conservação e foi pioneiro na ideia de reservas extrativistas como forma dos/as moradores/as das florestas conseguirem seu sustento, ainda preservando a floresta.

Mas isso acendeu a ira dos poderosos fazendeiros e seus apoiadores. Em 1987, Mendes frustrou os planos do fazendeiro Darly Alves da Silva de desmatar uma área de floresta que havia sido considerada reserva natural.

Em 22 de dezembro de 1988, Mendes foi morto a tiros do lado de fora de sua casa, em Xapuri. Da Silva, seu filho e outro homem foram condenados pelo homicídio. O assassinato causou ultraje internacional e grandes protestos no Brasil. O legado de Mendes não é observado apenas no Acre, mas em todo o Brasil. Um ano após sua morte, foi criada a primeira reserva extrativista do país. Atualmente, existem no Brasil 96 reservas extrativistas, segundo o CNUC (Cadastro Nacional de Unidades de Conservação), mantido pelo Ministério do Meio Ambiente. Juntas, elas abrangem uma área de cerca de 15,7 milhões de hectares.

IRMÃ DOROTHY

Brasil



**A MORTE DA FLORESTA
É O FIM DE NOSSA VIDA**

IRMÃ DOROTHY

Irmã Dorothy, uma religiosa que teve no seu trabalho pastoral uma ação transformadora. Sua vida foi marcada por uma intensa luta pelo direito à terra dos/as numerosos/as camponeses/as que migraram para o Norte do Brasil, em busca de sustento.

Nasceu Dorothy Mae Stang, em 1931, em Ohio, Estados Unidos. Missionária da Congregação das Irmãs de Notre Dame de Namur, chegou ao Brasil em 1966 e, já na década de 1970, passou a atuar na região amazônica, mantendo intensa agenda de diálogo com lideranças camponesas, políticas e religiosas, em busca de soluções para os conflitos envolvendo a posse e a exploração da terra.

Trabalhou diretamente nas comunidades amazônicas, reconhecendo as desigualdades sociais provocadas pelas relações construídas pela exploração da floresta e a situação das populações empobrecidas, indígenas, ribeirinhos/as e trabalhadores/as. Ela fazia parte da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e defendia a Reforma Agrária.

Em Anapu (PA), foi a responsável pela implantação do Projeto de Desenvolvimento Sustentável Esperança, modelo de assentamento e gestão que produzia uma fonte segura de renda com a colheita de madeira, sem destruir a floresta. A área era disputada por madeireiros e latifundiários, que encomendaram a morte da ativista. Cerca de um ano antes de ser assassinada, Irmã Dorothy vinha recebendo ameaças, mas não se deixou intimidar. Pouco antes de ser assassinada, declarou: "Não vou fugir nem abandonar a luta desses trabalhadores que estão desprotegidos no meio da floresta. Eles têm o sagrado direito a uma vida melhor, numa terra onde possam viver e produzir com dignidade, sem devastar".

Em 12 de fevereiro de 2005, a missionária foi vítima daquilo que enfrentava: a exploração da terra e dos pobres, em favor do lucro e da ganância de poucos. Foi assassinada com seis tiros, aos 73 anos de idade. Nas terras de Anapu, na Amazônia brasileira, seu corpo foi plantado em solo brasileiro. E sua mensagem de um novo modo de pensar que "Deus está em todas as coisas" e caminha com os desfavorecidos, brota e inspira a inflexão em que se encontra a Igreja e todo mundo.

ZÉ CLAUDIO E MARIA DO ESPÍRITO SANTO

Brasil



**VIVO DA FLORESTA, PROTEJO ELA DE
TODO JEITO. POR ISSO, EU VIVO COM A
BALA NA CABEÇA A QUALQUER HORA,
PORQUE EU VOU PRA CIMA, EU DENUNCIO
OS MADEIREIROS, EU DENUNCIO OS
CARVOEIROS E POR ISSO ELAS ACHAM
QUE EU NÃO POSSO EXISTIR**

ZÉ CLAUDIO

José Claudio Ribeiro da Silva e Maria do Espírito Santo da Silva defendiam a floresta e lutavam pela preservação do meio ambiente. Foram um exemplo para toda a comunidade, pois mostravam que era possível viver em harmonia com a floresta. Eles denunciavam a destruição e eram constantemente ameaçados, até que foram brutalmente assassinados em 2011.

Zé Claudio e Maria nasceram e cresceram na Amazônia paraense. Ele foi criado pelos avós e ajudava a cuidar dos negócios da família em Marabá: hortas, roçados e produção de arroz. Maria era de São João do Araguaia, nascida às margens do Rio Araguaia, filha de agricultores.

O casal de lideranças extrativistas foi executado na manhã de 24 de maio de 2011, na cidade de Nova Ipixuna, no sudeste do Pará, cidade a 390 quilômetros de Belém. José Cláudio era considerado sucessor de Chico Mendes, líder dos seringueiros do Acre, que foi morto em 1988 por sua defesa da Amazônia.

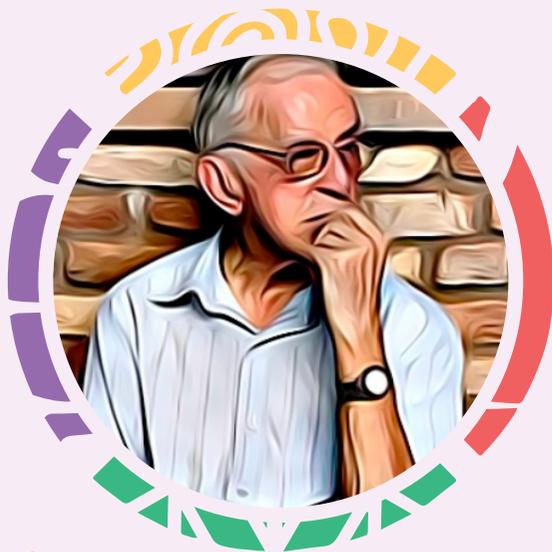
Eles saíram do Projeto de Assentamento Agroextrativista Praia Alta Piranha, localizado a cerca de 50 quilômetros da sede do município de Nova Ipixuna, quando foram cercados em uma ponte, por pistoleiros. Ali, eles foram executados a tiros. Zé Claudio vinha recebendo ameaças de madeireiros da região desde 2008. Era um dos principais defensores da preservação da floresta amazônica, após a morte de Chico Mendes, e constantemente fazia denúncias sobre o avanço ilegal na área de preservação onde trabalhava, por madeireiros, para extração de espécies como castanha, angelim e jatobá.

Em 2010, durante evento que discutia a preservação da floresta amazônica, José Cláudio classificou como "assassinato" a derrubada de árvores da região e disse que "viviu com a bala na cabeça" por causa das constantes denúncias contra madeireiros.

O mandante do crime, José Rodrigues Moreira, foi condenado a 60 anos de prisão em 2016, mas está foragido desde então.

DOM PEDRO CASALDÁLICA

Brasil



NA DÚVIDA, FIQUE AO LADO DOS POBRES

DOM PEDRO CASALDÁLICA

Dom Pedro Casaldálica: o bispo que uniu os povos oprimidos da América Latina. Praticante da Teologia da Libertação, o bispo emérito de São Félix do Araguaia também era chamado de “bispo dos povos”. Fez da sua vida e militância um exemplo de esperança e resistência para os povos oprimidos, especialmente indígenas, quilombolas e trabalhadores/as do campo.

Pertencente à congregação dos missionários claretianos, foi o primeiro bispo da Prelazia do município - a nomeação, em 1971, partiu do Papa Paulo VI. Dom Pedro Casaldálica ocupou o ofício até 2005, quando renunciou. Casaldálica tornou-se personalidade histórica da Igreja da América Latina e referência mundial na defesa dos Direitos Humanos e da Pan-Amazônia.

Nasceu numa família camponesa na Catalunha, Espanha, em 1928. Chegou ao Brasil em 1968, em plena ditadura militar, e três anos depois foi consagrado bispo, quando lançou a carta “A Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e marginalização social”. Foi essa carta pastoral de 1971 que denunciou ao mundo a contemporaneidade da escravidão no Brasil.

Ele foi o primeiro líder religioso a denunciar a brutalidade do capital contra os povos da Amazônia. Primeiro a denunciar a existência do trabalho escravo no Brasil. Pedro enfrentou o poder dos ruralistas e da ditadura militar. Ajudou a criar o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), apoiou os movimentos sociais e organizações dos/as trabalhadores/as. Sua atuação a favor dos/as pobres lhe valeu inúmeras ameaças de morte. “Minhas causas valem mais que minha vida”, dizia.

No Brasil, o bispo denunciou as atrocidades da ditadura militar, o grande latifúndio e os opressores dos povos do campo. Em toda América Latina, ofereceu sua solidariedade a grupos religiosos e de trabalhadores e trabalhadoras contra as ditaduras militares, como na Nicarágua, El Salvador e Argentina.

Numa manhã de sábado, dia 08 de agosto de 2020, às 9h40, Dom Pedro Casaldálica Plá morreu de grave infecção nos pulmões, aos 92 anos. Mas continua vivo na memória de todos os/as pobres que defendeu, dos/as martirizados/as pelo latifúndio, dos povos da Amazônia e de todos aqueles/aquelas que lutam por justiça e direitos humanos.

BRUNO PEREIRA

Brasil



HOJE ELE SE TORNA UM MÁRTIR PARA TODOS NÓS, PELA LUTA QUE ELE REPRESENTAVA EM DEFESA DOS POVOS INDÍGENAS. MAS NÃO SÓ PELOS POVOS INDÍGENAS: PELA MÃE TERRA, PELA MÃE NATUREZA A QUAL NÓS DEFENDEMOS, ASSIM COMO TANTOS OUTROS GUERREIROS E MÁRTIRES QUE SE FORAM E TOMBARAM NESSA LUTA

**CACIQUE MARCOS XUKURU,
DURANTE O VELÓRIO DE BRUNO PEREIRA**

As mortes de Bruno e Dom causaram comoção sem precedentes entre os indígenas do Vale do Javari, com repercussões no resto do Brasil e do mundo. O assassinato revela a natureza violenta e sem lei da região amazônica. É mais um capítulo sombrio da história sangrenta da Amazônia, que já viu o sangue de Chico Mendes, Irmã Dorothy, Zé Cláudio e Maria e tantos outros mártires escorrer em seu solo.

Bruno Pereira nasceu em Recife, em 15 de agosto de 1980. Mas deixou Pernambuco em meados dos anos 2000 para realizar seu sonho de trabalhar na Amazônia. Servidor de carreira na Fundação Nacional do Índio (Funai) era um dos maiores especialistas em povos isolados do país. Chegou a ser coordenador de povos isolados, cargo que ocupou até 2019. O indigenista perdeu seu cargo após participar de grande operação que destruiu balsas do garimpo ilegal, no Vale do Javari, em outubro daquele ano, após pressão de setores ruralistas ligados ao governo do presidente Jair Bolsonaro.

Após ser exonerado do cargo, Bruno se licenciou da FUNAI e foi trabalhar com os indígenas da União das Organizações Indígenas do Vale do Javari -UNIVAJA. Ele sempre esteve ao lado dos povos indígenas, até seu último dia de vida.

No dia 05 de junho de 2022, Bruno Pereira foi assassinado com três tiros de arma de caça: dois no tórax e um no rosto. E tombava, assim, um dos maiores defensores dos povos indígenas e da Amazônia do nosso tempo, deixando esposa e três filhos.

As investigações seguem em curso, mas os presos até o momento afirmam que a motivação foram as denúncias de Bruno sobre a pesca ilegal de pirarucu, que os assassinos realizavam.

Para Manoel Chorimpa, líder do povo Marubo: "Bruno era um escudo dos povos indígenas, porque fazia o enfrentamento aos invasores. O Bruno já previa que isso poderia acontecer. Ele deu a vida para que houvesse a continuidade da proteção do nosso território. A morte dele é um símbolo para que a gente continue a nossa luta".

DOM PHILLIPS

Brasil



“
**É COMO SE TIVESSEM MEXIDO
DIRETAMENTE COM A GENTE,
PORQUE ELE ESTAVA REPRESENTANDO
A NOSSA CAUSA, NOSSA HISTÓRIA**”

**FRANCISCO PIYÂKO,
LÍDER ASHANINKA, DO ACRE**

No dia 05 de junho de 2022 pescadores ilegais calaram a voz de Dom Philips com um tiro de arma de caça cravado no seu peito! Sua voz era fundamental para mostrar ao mundo, o que ocorria na Amazônia. Dominic Mark Phillips nasceu em 23 de julho de 1964, no noroeste da Inglaterra e morava no Brasil desde 2007. Reportava para alguns dos mais importantes jornais do mundo: The Guardian, New York Times, Financial Times, entre outros. Dom poderia ter escolhido morar em qualquer lugar do mundo, mas escolheu o Brasil. O motivo? O seu amor pela região amazônica, para onde viajou diversas vezes para relatar a crise que o meio ambiente do Brasil e suas comunidades indígenas enfrentam.

Os inúmeros perigos enfrentados pelos povos da floresta e seus defensores foram denunciados em dezenas de suas reportagens sobre as violências contra os povos indígenas, a exploração garimpeira, madeireira e a grilagem de terras – principalmente neste Governo, que estimula a devastação e a destruição das terras indígenas e áreas ambientais. Mas haveria salvação para a Amazônia? Dom Phillips em sua última viagem ao Vale do Javari buscava respostas exatamente para a pergunta: como salvar a Amazônia? Título do livro que o jornalista lançaria em 2023.

Dom morreu junto com o indigenista Bruno Pereira, seu amigo, com quem já havia realizado uma expedição em 2018. Dom foi assassinado como um defensor da Amazônia, defensor dos povos indígenas, dos povos da floresta. E ele defendia a Amazônia contando suas histórias, em reportagens para o mundo. Ele sabia que não existe lugar seguro na Amazônia. Que há um espaço de disputa na região, onde o crime organizado está se enraizando. Sua última postagem numa rede social foi um vídeo num rio amazônico e a frase: “Amazônia, sua linda!”

Em seu velório, a esposa de Dom, Alessandra Sampaio, e a irmã dele, Sian Phillips, fizeram um pronunciamento em nome de toda a família. Alessandra Sampaio clamou por justiça e pela segurança de jornalistas e defensores que cobrem a Amazônia e estão em risco. Sua irmã disse que Dom foi morto “por tentar contar ao mundo o que acontecia com a floresta e seus habitantes”.

WILSON PINHEIRO

Acre



ESTÁ NA HORA DA ONÇA BEBER ÁGUA

ESTA FRASE FOI DITA PELO ENTÃO LÍDER SINDICAL LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA, EM UM ATO DE PROTESTO DIAS DEPOIS DO ASSASSINATO DE WILSON PINHEIRO, EM BRASILÉIA.

Wilson Pinheiro foi assassinado no dia 21 de junho de 1980, com vários tiros pelas costas, um na nuca. Presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Brasiléia, no Acre, precursor do sindicalismo na região e de ações que mobilizavam as comunidades, unindo seringueiros, ribeirinhos e colonos para impedir a derrubada da mata nativa, Wilson inscreveu seu nome como um dos precursores da árdua batalha pela preservação ambiental.

Wilson Pinheiro nasceu em 1933, na cidade de Caieiro (AM), mas passou a maior parte da vida em Brasiléia, no Acre. Com o passar dos anos, foi se tornando conhecido como uma importante liderança local, chegando a presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Brasiléia e integrante da Comissão Municipal do Partido dos Trabalhadores (PT). O sindicalista defendia o direito dos povos da floresta, dentro de uma convivência pacífica e não predatória com a natureza, e atuava incansavelmente para impedir as derrubadas promovidas por latifundiários.

Em 1979, ele foi o principal líder do Mutirão contra a Jagunçada, movimento contra os capangas armados que ameaçavam posseiros na região amazônica. Chegando a reunir centenas de trabalhadores, o Mutirão conseguiu tomar mais de 20 rifles automáticos das mãos dos jagunços, entregando-os na sede do Exército, em Rio Branco (AC). Chamados de "empates", os conflitos com os latifundiários renderam seguidas ameaças de morte ao sindicalista – que acabaram sendo tragicamente concretizadas em 1980, quando Pinheiro foi morto pelas costas, na sede do Sindicato pelo qual lutou e que havia se tornado um refúgio em tempos difíceis.

Os crimes na Amazônia não pararam por aí, seguiram ocorrendo: em 1988, o sindicalista Chico Mendes, amigo e discípulo de Pinheiro, foi assassinado em circunstâncias semelhantes. Em 1981, o PT criou a Fundação Wilson Pinheiro, voltada a atividades de pesquisa e formação política. Posteriormente extinta, a entidade se desdobraria na atual Fundação Perseu Abramo (FPA). Em 2010, o Centro Sérgio Buarque de Holanda da FPA publicou um dossiê, no qual resgata uma série de documentos relativos à vida de Wilson Pinheiro. O sindicalista também dá nome a uma ponte binacional que liga Brasiléia à cidade de Cobijá, na Bolívia, inaugurada em 2006.

CACIQUE EMYRA WAJĀPI

Amapá



GENTE ESTRANHA TIROU A VIDA DO MEU PAI

AIKYRY WAJĀPI,
FILHO DO CACIQUE
EMYRA WAJĀPI

A Terra Indígena Wajãpi é rica em ouro e ferro e possui cerca de 600 mil hectares, uma área equivalente a quatro vezes a cidade de São Paulo, no oeste do Amapá. Os Wajãpi saíram do baixo rio Xingu, no norte do Pará, no século 18, rumo ao território hoje ocupado pelo Amapá e pela Guiana Francesa. Vivem da caça e da agricultura e tentam defender sua terra como podem.

Suas terras foram homologadas em 1996, mas desde os anos 1970 enfrentam as tentativas de invasão de garimpeiros ilegais e mineradores. E em 2019, mais uma invasão de garimpeiros aconteceu no território Wajãpi.

Essa invasão levou à morte um dos seus caciques, o Emyra Wajãpi, de 68 anos. A morte foi o início de um ataque à aldeia Mariry, que se concretizou depois numa sexta e sábado, com a invasão de 50 garimpeiros no local, localizado no oeste do Amapá. O corpo do cacique foi encontrado no dia 22 de julho de 2019. A Polícia Federal, que foi ao local com representantes da Fundação Nacional do Índio (Funai) e do batalhão de operações especiais da polícia do Amapá, abriu inquérito para investigar a morte dele.

Em nota divulgada em 28 de julho de 2019, o Conselho das Aldeias Wajãpi afirmou que um grupo de invasores armados entrou na aldeia Yvytotô, ocupou uma casa e ameaçou moradores/as, que fugiram no dia seguinte do local.

Ao comentar a morte do cacique no Amapá, o presidente Jair Bolsonaro disse não haver indício forte de que ele tenha sido assassinado.

De acordo com a nota do conselho Wajãpi, não houve testemunhas, mas parentes examinaram o local e "encontraram rastros e outros sinais de que a morte teria sido causada por pessoas não indígenas".

Os Wajãpi são considerados um povo festivo e amigoso, mas que coleciona experiências traumáticas com garimpeiros e mineradoras.

IRMÃ CLEUSA

Amazonas



**A JUSTIÇA TEM QUE
ESTAR NA BASE DE TODA
CONVIVÊNCIA HUMANA**

IRMÃ CLEUSA

Missionária Agostiniana Recoleta, Irmã Cleusa defendeu as classes menos favorecidas e lutou especialmente pelos/as pobres e pela causa indígena na região amazônica, motivo que a levou a confrontar interesses políticos e econômicos de pessoas da região.

Nasceu Cleusa Carolina Rody Coelho, em Cachoeiro de Itapemirim (ES), em novembro de 1933. Muito inteligente e dedicada, estudou no Colégio Estadual "Liceu Muniz Freire", em Cachoeiro, onde recebeu a medalha de ouro de melhor aluna por dois anos seguidos. Durante o curso de Magistério, por ter sido considerada a melhor aluna de toda a escola, recebeu como prêmio do governo do estado do Espírito Santo o direito de exercer o trabalho de professora, podendo lecionar em qualquer escola de sua escolha, sem necessitar entrar em concurso de ingresso e remoção.

É quando Irmã Cleusa sente o chamado de Deus em sua vida, escolhendo deixar tudo e ingressar na Congregação das Missionárias Agostinianas Recoletas, em 1952. Durante sua vida religiosa, esteve em missão nos municípios de Colatina (ES), Vitória (ES), Manaus (AM) e Lábrea (AM).

Dedicou trinta e dois anos de vida como Missionária Agostiniana Recoleta a serviço dos/as mais empobrecidos/as e indígenas. E foi na defesa da terra e da paz indígenas que Irmã Cleusa morreu, assassinada, no município amazonense de Lábrea, em 28 de abril de 1985, às margens do Rio Pacιά.

A participação ativa na causa indigenista fez com que a freira se tornasse querida entre indígenas, mas, por outro lado, incomodou aqueles que os/as perseguiam. Irmã Cleusa Carolina foi assassinada e seu corpo foi encontrado dois dias depois, nu e escalpelado, com mais de cinquenta chumbos de arma de caça na cabeça e no tórax, várias costelas quebradas, braço direito decepado e a sua mão direita nunca foi encontrada. Os ossos do braço direito da irmã Cleusa Carolina estão depositados na Catedral Metropolitana de Vitória, e tramita, no Vaticano, um processo para a sua beatificação.

PAULINO GUAJAJARA

Maranhão



O MUNDO TODO SOUBE DA MORTE DO MEU FILHO E OS CRIMINOSOS FICARAM COM RAIVA DE MIM. SOFRO AMEAÇAS, MAS NÃO TENHO MEDO. SÓ SINTO MUITA FALTA DELE

**JOSÉ MARIA GUAJAJARA,
PAI DE PAULINO GUAJAJARA**

Paulino Guajajara, também conhecido como Lobo Mau, era um guardião da floresta. Lutava para proteger a floresta de seu território, não só para a sobrevivência dos Guajajara, mas também dos grupos de Awá Guajá isolados, indígenas sem nenhum contato com os brancos e que dependem intrinsecamente da floresta para sobreviver.

Paulo Paulino Guajajara nasceu em 1995, no Maranhão. Guardião da floresta, o jovem defensor da terra era conhecido por seu sorriso, sua personalidade humilde e vontade de cuidar das pessoas ao seu redor.

Ele era uma das lideranças do grupo Guardiões da Floresta, criado em 2012 para proteger o território de madeireiros, grileiros e garimpeiros. Morreu defendendo a floresta. Durante o ataque, Paulino estava na companhia de Laércio Guajajara, também um guardião, que foi atingido pelos disparos da espingarda, mas conseguiu escapar.

Foi morto a tiros por madeireiros em uma emboscada na região da Lagoa Comprida, em 1º de novembro de 2019. Naquela sexta-feira, ele e seu amigo estavam caçando na terra indígena no município de Bom Jesus das Selvas, quando um grupo de homens armados os emboscou na mata. Sem esperar qualquer reação, os madeireiros, em maior número, começaram a atirar contra os indígenas. Um dos disparos atingiu Paulino no rosto. Seu amigo foi alvejado no braço e nas costas, mas sobreviveu.

Paulino deixou um filho, uma família e uma comunidade fragilizada pelo que a sua perda representou. O crime aconteceu no interior da Terra Indígena Araribóia, região de Bom Jesus das Selvas (MA), entre as aldeias Lagoa Comprida e Jenipapo.

A luta histórica dos/das indígenas Guajajara foi fortalecida com a decisão do juiz substituto da 1ª Vara Criminal Federal do Maranhão, Luiz Régis Bomfim Filho, em 29 de março de 2022, de levar a júri popular os acusados do assassinato de Paulino Guajajara, ocorrido em 1º de novembro de 2019.

VICENTE CAÑAS

Mato Grosso



**NÃO ESTRANHEM SE
UM DIA VOCÊS ME
ENCONTRAREM MORTO**

VICENTE CAÑAS

O conceito de ser missionário de Vicente Cañas mudou, quando passou a atuar no Brasil. Descobriu que ser missionário, trabalhar com evangelização, não era converter o outro, mas conviver, apoiar, respeitar e, a partir do processo de escuta, favorecer o diálogo inter-religioso.

Vicente Cañas Costa nasceu em Albacete, Espanha, em 22 de outubro de 1939. Em 1961, com 21 anos de idade, entrou no Noviciado da Companhia de Jesus. Após o noviciado, manifestou ao padre provincial de Aragon sua intenção de desenvolver atividade missionária junto aos povos indígenas no Brasil. Em 1966, já ordenado Irmão, Vicente Cañas chegava ao Rio de Janeiro para realizar o seu sonho de ser missionário. Após o período de adaptação no Brasil, procura o Pe. Antônio Iasi para auxiliá-lo na intermediação com a Fundação Nacional do Índio (Funai).

Em 1971, os jesuítas Vicente Cañas e Thomaz de Aquino Lisboa mantiveram os primeiros contatos com os Myky, no Mato Grosso. E foi junto aos Myky que Vicente ganhou o nome Kiwxí. Os dois missionários participaram ativamente da criação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

Em 1974, Vicente Cañas e Thomaz Lisboa estabeleceram os primeiros contatos com o povo Enawenê-Nawê, no estado de Mato Grosso, povo ao qual Cañas passou a se dedicar no final de 1975. Dois anos depois, Cañas passa a residir com eles, mas não na aldeia e sim nas margens do rio Juruena, no caminho para a aldeia.

A luta de Vicente Cañas resultou na demarcação da reserva de 547.876,03 hectares dos Enawenê-Nawê, nos municípios Juína, Comodoro e Sapezal. Esta área foi homologada por decreto em 02 de junho de 1996.

Cañas fez seu último contato por rádio em 5 de abril de 1987 e avisou que subiria para a aldeia indígena no dia seguinte. Seu corpo foi encontrado mumificado 40 dias depois, em 16 de maio, junto ao barraco de apoio que havia construído próximo ao Rio Juruena, a 60 km da aldeia dos Enawenê-Nawê.

Ninguém foi preso pelo assassinato de Vicente Cañas até hoje, 35 anos após o seu martírio.

DILMA FERREIRA SILVA

Pará



**AS MARIAS SOMOS NÓS!
NÓS SOMOS AS VERDADEIRAS
MARIAS, GUERREIRAS,
LUTADORAS QUE ESTÃO AÍ
NO DESAFIO DA LUTA DO
DIA A DIA**

DILMA FERREIRA SILVA

Dilma era de uma família da zona rural que foi atingida pela construção da usina hidrelétrica de Tucuruí, que começou a ser construída ainda no período da ditadura militar, em 1974. Ela viu sua cidade ser alagada com a abertura das comportas e vivenciou o descaso total no processo de reparação. Mais de 30 anos desde o início da obra, não houve nenhuma compensação aos/as atingidos/as.

Dilma Ferreira Silva nasceu no dia 11 de fevereiro de 1972, no Maranhão. Mãe de uma filha, teve como uma de suas principais características a empatia com o sofrimento dos/as mais humildes. Foi uma mulher destemida nos momentos de luta e ao mesmo tempo bastante brincalhona.

Dilma foi assassinada brutalmente na madrugada do dia 22 de março de 2019, dentro de sua residência, no assentamento Salvador Allende, junto do seu companheiro, Claudionor Costa da Silva, e um amigo do casal, Hilton Lopes. De acordo com as investigações e com os laudos técnicos, Dilma foi amarrada, amordaçada, torturada e teve o seu pescoço cortado. Todas as indicações levam a crer que o crime praticado não foi simplesmente uma execução, mas sim um crime de ódio exercido contra uma mulher militante, que ocupava legitimamente um território de interesse do principal suspeito.

Integrante da luta do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) desde 2005, Dilma atuou na coordenação do movimento. Em 2011, participou de audiência com a então presidenta da República, Dilma Rousseff, na entrega de um documento que reivindicou uma política nacional de direitos para os/as atingidos/as por barragens e atenção especial às mulheres atingidas.

A usina hidrelétrica de Tucuruí, construída durante a ditadura militar, é a maior hidrelétrica considerada genuinamente nacional. Ela localiza-se no rio Tocantins, a 310 km da capital, Belém (PA). Cerca de 32 mil pessoas foram deslocadas de suas moradias para construção da barragem e há mais de 30 anos lutam para garantir seus direitos.

NILCE DE SOUZA MAGALHÃES, NICINHA

Rondônia



ANTES A GENTE VIVIA NUM MAR DE ROSAS, TÍNHAMOS O NOSSO PEIXE, NOSSA CASA, NOSSO DINHEIRO... VIVÍAMOS UMA VIDA PADRÃO. HOJE NÃO TEMOS MAIS NEM CAMA PRA DORMIR, PORQUE A USINA ACABOU COM A GENTE

NICINHA

Nilce de Souza Magalhães, mais conhecida como Nicinha, era mãe de três filhas, avó de sete netos, pescadora e militante do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Em Rondônia, lutava em defesa da vida, do rio e da floresta. Era ribeirinha da beira do rio Madeira, de onde lutava para não sair. Atuou de forma incisiva na denúncia de violações de direitos humanos cometidas pelo Consórcio Energia Sustentável do Brasil, durante a construção da Usina Hidrelétrica de Jirau, em Porto Velho.

Nicinha foi assassinada aos 50 anos de idade, em janeiro de 2016. Seu corpo ficou desaparecido por cinco meses e, em 21 de junho de 2016, foi encontrado no lago da barragem da Usina Hidrelétrica Jirau, em Porto Velho (RO), a apenas 400 metros de distância da antiga moradia da militante, que vivia em um acampamento de pescadores no rio Mutum. Descoberto por trabalhadores da hidrelétrica, o corpo estava com as mãos e pés amarrados por uma corda e ligado a uma pedra. Acusado pelo assassinato da ativista, o pescador Edione Silva está foragido, na impunidade.

Antes de ser assassinada, Nilce realizou diversas denúncias, participando de audiências e manifestações públicas, entre as quais apontou os graves impactos gerados pela usina à atividade pesqueira no rio Madeira. As denúncias geraram dois inquéritos civis que estão sendo realizados pelos Ministérios Públicos Federal e Estadual: um sobre a não realização do Programa de Apoio à Atividade Pesqueira e outro, de caráter criminal, em função de manipulações de dados em relatórios de monitoramento.

O projeto da hidrelétrica removeu Nilce e toda sua comunidade, de maneira forçada, para um lugar sem eletricidade e sem água potável, comprometendo também a subsistência das famílias que tinham a pesca como sua principal fonte de renda. Mas Nicinha não desistiu e denunciou de maneira firme, sem vacilar, os graves impactos do projeto hidrelétrico na vida das pescadoras e pescadores do Rio Madeira.

POVO YANOMAMI

Rondônia



**EU NUNCA ESQUECI DE HAXIMU.
OS GARIMPEIROS MATARAM
DEZESSEIS YANOMAMI E OS
MESMOS GARIMPEIROS
VOLTARAM PARA LÁ**

DAVI KOPENAWA

Haximu é o nome de uma comunidade Yanomami na fronteira do Brasil com a Venezuela, nas proximidades do Rio Demini. O nome da aldeia tornou-se mundialmente conhecido após a sangrenta chacina de indígenas Yanomami pegos de surpresa no início da manhã por um grupo de garimpeiros fortemente armados.

A chacina ocorreu em 1993, quando garimpeiros que atuavam em região próxima à fronteira com a Venezuela assassinaram 12 Yanomami. Entre os mortos havia mulheres, adolescentes, crianças e um bebê, segundo o Ministério Público Federal (MPF).

O conflito começou quando garimpeiros que exploravam ilegalmente a região não cumpriram promessas feitas a indígenas do local. No dia 15 de junho, sete garimpeiros convidaram seis indígenas para caçar e, durante a caminhada, mataram quatro deles. Em retaliação, os indígenas assassinaram um dos garimpeiros. Esse foi o estopim para o massacre que ocorreria dias depois. Na manhã do dia 23 de julho daquele ano, garimpeiros invadiram a área onde estavam alguns membros da tribo, a maioria mulheres e crianças, pois os homens haviam saído do local, dias antes, para participar de uma festa típica na região. Os garimpeiros então mataram a tiros e golpes de facão doze indígenas Yanomami: um homem adulto, duas idosas, uma mulher, três adolescentes, quatro crianças e um bebê.

Esse massacre foi iniciado pelas tensões relacionadas à corrida do ouro de 1987 no Brasil, que incluem conflitos entre os garimpeiros brasileiros e o povo Yanomami. Os Yanomami permaneceram isolados entre 1973 e 1976, quando brasileiros construíram a Rodovia Perimetral Norte através da zona sul da Terra Indígena demarcada. Esta via provocou a chegada de garimpeiros de ouro, o que inclui aqueles que vieram durante a corrida do ouro do início de 1987.

Cerca de 22 garimpeiros foram acusados pelo MPF de participar da chacina, contudo, somente cinco receberam condenações que chegam a 20 anos, pelo crime de genocídio.

PADRE JOSIMO

Rondônia



**SE EU ME CALAR,
QUEM OS DEFENDERÁ?**

PADRE JOSIMO

Chamado por agricultores/as de “padre negro de sandálias surradas”, Padre Josimo se tornou um dos maiores mártires da luta pela terra no Brasil. Josimo Moraes Tavares nasceu em 1953, em Marabá, no Pará. Estudou filosofia no Instituto Filosófico dos Salesianos, em Lorena (SP). Em 1975, foi para Petrópolis (RJ), estudar no Instituto Franciscano de Teologia e Filosofia. Neste mesmo ano conhece a Teologia da Libertação, pelas palavras e vivência do então Frei Leonardo Boff. Em janeiro de 1979, foi ordenado padre na cidade de Xambioá. Foi coordenador da Pastoral da Juventude e depois coordenador da Pastoral Geral da Diocese.

Transferido para a Paróquia São Sebastião, em Tocantins, foi vigário e coordenador da Comissão Pastoral da Terra, CPT, da diocese de Tocantinópolis. Incansável, ajudou os agricultores a organizar sindicatos e a exigir a reforma agrária. Cada pequena vitória dos/as camponeses/as aumentava o ódio dos latifundiários e poderosos da região.

No dia 15 de abril de 1986, Padre Josimo sofreu um atentado, mas as balas ficaram na porta do carro. Ciente de que os grandes tramavam a sua morte, em 27 de abril daquele ano, durante a assembleia diocesana, ele diz: “Eu fiz o meu compromisso com a Pastoral da Terra, pela força do Evangelho, comprometido com a causa dos pobres, dos oprimidos e dos injustiçados. O discípulo não é maior que seu senhor. Se eles me perseguem também perseguirão a vocês. A minha vida nada vale em vista da morte de tantos pais lavradores assassinados, violentados e despejados de suas terras, deixando mulheres e filhos abandonados, sem carinho, sem pão e sem lar. É hora de se levantar e fazer a diferença! Morro por uma causa justa.”

Dia 10 de maio de 1986, padre Josimo foi assassinado covardemente enquanto subia as escadas do prédio da Mitra Diocesana de Imperatriz (MA), onde funcionava o escritório da CPT Araguaia-Tocantins. Na madrugada de 19 de março de 2004, os dois últimos acusados de terem sido os mandantes do assassinato de padre Josimo - Nazaré Teodoro da Silva (Deca) e Oswaldo Teodoro da Silva - foram inocentados pelo Tribunal do Júri de Imperatriz (MA). Geraldo Rodrigues da Costa, o pistoleiro que matou padre Josimo com dois tiros, foi condenado, em 1988, a 18 anos e 6 meses de prisão. Ele conseguiu fugir da penitenciária por três vezes e hoje está foragido.

NICOLASA NOSA

Bolívia



**NÃO VOU DENUNCIÁ-LOS.
PREFIRO MORRER PARA
O CHICOTE**

NICOLASA NOSA

Nicolasa fez o que tinha que fazer: defendeu seu marido, sua família, seus filhos, seus amigos, a sua comunidade. Nas comunidades de Mojeña, na Bolívia, as mulheres são a primeira linha de defesa: a mulher é quem defende e lança as bases de sua comunidade e é ela quem transmite os valores aos/às seus/suas. Ela foi um exemplo de luta e resistência, com o objetivo de construir um mundo melhor.

Nicolasa Nosa de Cuvene foi uma mulher indígena boliviana e mártir, que deu a vida para defender o seu povo Moja, no século XIX, por um compromisso concreto com a justiça. Ela vinha de uma distinta família indígena, filha de um corregedor e esposa de um cacique, e usava sua posição para defender seu povo.

Foi martirizada em 1887, junto com outros líderes que promoveram a rebelião mojeña para libertar seu povo da escravidão à indústria da borracha dos rios amazônicos, atividade que era realizada por colonos brancos chamados "karayanas". Diante da exploração forçada de indígenas, a rebelião caracterizou-se por um êxodo maciço da cidade de Trinidad, abandonando os "karayanas", em busca da "Loma Santa" ou "Terra sem Mal". Em retaliação, organizaram-se expedições para prender os líderes do movimento, incluindo Nicolasa Nosa e seu marido Nicanor Cuvene, que organizaram êxodos e fundaram pequenas aldeias bem-organizadas, com grande componente religioso em sua base.

Em uma das expedições dos "karayanas", Nicolasa se torna prisioneira, é torturada e, finalmente, executada por permanecer fiel ao seu povo e não o trair. Aos perseguidores afirma: "Não vou denunciá-los. Prefiro morrer para o chicote".

Nicolasa representa a coragem das mulheres Mojeña, o protótipo do que as mulheres devem ser daqui para frente, seja para o bem-estar familiar, comunitário e de organização indígena e eclesial, abrindo a consciência para a história, para um contexto específico e para povos identificados com sua busca pela liberdade. E 135 anos após sua morte, continua inspirando a luta de todas as mulheres, no território onde viveu.

PADRE ALCIDES JIMÉNEZ

Colômbia



**NÃO BASTA VIVER EM
COMUNIDADE PARA FAZER PARTE
DELA, É PRECISO SENTIR SEUS
PROBLEMAS E PARTICIPAR
ATIVAMENTE DE SUA SOLUÇÃO**

PADRE ALCIDES

Padre Alcides sempre lutou em prol dos/as camponeses/as, vítimas de múltiplas formas de violência. E quando os conflitos armados se tornaram mais preocupantes para a população, ele desenvolveu muitas iniciativas para a preservação e proteção de seus/suas paroquianos/as, dando a eles/elas formação para que pudessem ser protagonistas de mudanças sociais. Amante da natureza e da Paz, junto com o povo desenvolveu projetos ecológicos. Muito comprometido com o seu povo e com as causas sociais nesta região, onde havia muitos conflitos armados e sociais, território ocupado pelas FARC, Padre Alcides pertencia a um grupo de padres sensível às lutas do povo.

Alcides Jiménez Chicangana nasceu em 1949, na cidade de Cauca, considerada terra indígena. Cursou seminário em Bogotá e, mais tarde, em 1978, 20 anos antes de seu assassinato, foi ordenado sacerdote.

Entre suas principais preocupações estava o desenvolvimento do povo de sua cidade, em sua maioria camponesa. Padre Alcides atuava em Putumayo, uma área da Amazônia colombiana, onde grupos armados e o conflito colombiano encheram a região de desesperança. É lembrado até hoje como um semeador de esperança.

Padre Alcides Jiménez Chicangana foi assassinado aos 49 anos, no dia 11 de setembro de 1998, quando celebrava a missa na Paróquia em Puerto Caicedo, Putumayo. No dia de seu martírio, realizou a Marcha Pela Paz, juntamente com paroquianos/as, denunciando todas as formas de violência e violação à vida. Ao final da marcha, já em sua paróquia, enquanto celebrava a eucaristia, dois homens armados entraram na Igreja e atiraram contra ele, que tentou se proteger correndo para o pátio interno da casa paroquial, mas ao correr ele caiu. Ao alcançá-lo, os assassinos enfurecidos dispararam 18 tiros contra ele, silenciando assim a voz que denunciava as arbitrariedades contra os povos, cometidas por grupos armados ligados ao narcotráfico colombiano.

ALEJANDRO LABAKA E INÉS ARANGO

Equador



**CRISTO FAZ SOBRESSAIR MINHA
FRAQUEZA PARA QUE A FORÇA
DE SUAS AÇÕES BRILHE MAIS
FORTE EM MEUS IRMÃOS
WAORANI**

DOM ALEJANDRO LABAKA

Dar a vida pelos outros, pelos/as pequenos/as, foi o que motivou Alejandro Labaka e Inés Arango a irem ao encontro de indígenas ameaçados/as pela expansão das petrolíferas na Amazônia equatoriana porque, "se não formos, eles os matam". Inés Arango nasceu em 1937, em Medellín, na Colômbia. Ensinou em escolas de Tolima, Córdoba, Antioquia e, quando abriram a casa da missão na floresta equatoriana, em 1977, ela não hesitou em ir para lá. Desde então, com Monsenhor Labaka, começou a ter contato com indígenas Huaorani, um grupo que também era guerreiro, que não falava espanhol e que a fez se despir, como eles, na primeira vez que os viu.

Alejandro Labaka nasceu em 1920, na Espanha, e iniciou sua vida religiosa aos 17 anos. O também nacionalizado equatoriano trabalhou na floresta amazônica de 1965 a 1987, dedicando-se à aproximação com os Huaorani. Durante 25 anos, Labaka dedicou-se à reaproximação com os Huaorani (ou Aucas), aprendendo a se vestir, comer, viver como eles e falar sua língua, o Huao. Passou a ser conhecido e amado por todos os grupos Huaorani, exceto os Tagaeri, uma etnia que nunca aceitou a interferência de ninguém em seu território, que aos poucos foi encurralada e com menos território, devido ao trabalho de exploração das companhias petrolíferas na floresta amazônica equatoriana. Por isso, Monsenhor Labaka estava disposto a se aproximar e ser aceito por eles.

Além disso, realizou um trabalho de denúncia contra as empresas, instituições e governo, constantemente questionados, em defesa da vida e da cultura dos povos amazônicos. Em 21 de julho de 1987, o bispo basco Alejandro Labaka e a freira colombiana Inés Arango perderam a vida como mediadores entre indígenas da Amazônia equatoriana e companhias petrolíferas. Os dois bravos missionários caíram na floresta amazônica equatoriana, perfurados pelas lanças dos indígenas Tagaeri. Morreram como heróis, testemunhando com a vida a sua opção por Jesus Cristo em defesa dos/das mais humildes, sem prêmios, sem condecorações. Alejandro e Inés sentiam-se a "voz dos/das sem voz", defensores das minorias étnicas, que se sentiam oprimidos/as e privados/as de suas terras pela exploração do petróleo e pelo avanço dos colonos. Os missionários buscaram um equilíbrio entre a defesa dos indígenas e o progresso do país. Optaram pelos mais fracos: não foram mortos por ódio, mas em legítima defesa por aqueles que acreditavam que eles vinham atacá-los.

AGUCHITA

Peru



**A MORTE NÃO PODE SER
IMPROVISADA, O AMOR
É NOSSA VOCAÇÃO**

AGUCHITA

Irmã Maria Agustina de Jesús Rivas López, conhecida por todos como "Aguchita", foi beatificada em 7 de maio de 2022. Seu martírio in odium fidei foi reconhecido pelo Papa Francisco em 2021. A religiosa peruana foi assassinada em 27 de setembro de 1990 pelo grupo terrorista Sendero Luminoso, enquanto realizava sua missão pastoral na aldeia de Ashaninka, na floresta central do Peru.

Aguchita nasceu em Coracora, Peru, em 13 de junho de 1920. Aos 25 anos, fez seus votos e ingressou na Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor. Dedicou seu trabalho à assistência sanitária, à educação, oferecendo alimentação e alfabetização, principalmente às mulheres, a quem promoveu por meio de projetos de formação, organizando grupos juvenis e catequese familiar nas comunidades rurais da cidade de Valle del Yurinaqui, no departamento de Junín.

Realizou seu trabalho missionário por muitos anos na área de Barrios Altos. Em 1987, mudou-se para a cidade de La Florida, na região de Junín, na floresta central do Peru. Eram tempos de grande violência em todo o país, especialmente nas montanhas, pelo grupo terrorista Sendero Luminoso, uma das organizações terroristas mais sangrentas do século 20, que iniciou sua onda de violência em 1980 e causou a morte de dezenas de milhares de pessoas no Peru.

Aguchita foi assassinada por ódio à fé, em 27 de setembro de 1990. Na época, o Peru sofria com a violência dos guerrilheiros. O martírio da religiosa foi presenciado por inúmeras testemunhas.

Em 22 de maio de 2021, o Papa Francisco aprovou a Beatificação de Aguchita, por ter dedicado sua vida ao serviço de Deus e aos/às mais pobres, em um período de guerra e violência social no Peru.

Na igreja de La Florida, cuja padroeira é Santa Rosa de Lima, o/a peregrino/a pode venerar os restos mortais da nova Beata e acompanhar o martírio de Aguchita, ilustrado com frases, imagens e outros símbolos, desde a sua infância até sua vida religiosa e os últimos três anos de trabalho na Amazônia peruana.

YANOMAMI MORTOS PELO EXÉRCITO

Venezuela

A TERRA É VIVA, ELA NÃO PODE TER DONO. VOCÊ CONSEGUE FINALMENTE VER?

**DAVI KOPENAWA,
LÍDER YANOMAMI**

No momento em que uma catástrofe humanitária está atingindo diversas comunidades indígenas, com garimpeiros ilegais invadindo seus territórios por toda a Amazônia, os Yanomami foram mais uma vez vítimas dessa tragédia anunciada, em março de 2022. Quatro indígenas Yanomami foram mortos a sangue frio pelo Exército da Venezuela, por motivo torpe, no mês de março. O ataque aconteceu quando soldados abriram fogo contra um grupo de indígenas Yanomami numa discussão sobre acesso à internet. Um grupo de indígenas foi a um quartel militar da região para "solicitar acesso ao serviço de internet", que lhes foi negado, o que gerou o conflito.

Os assassinatos aconteceram num momento de crescente tensão nos territórios indígenas, com a invasão de milhares de garimpeiros ilegais.

Em 2021, diversas denúncias foram realizadas sobre o crescimento do garimpo ilegal nos estados do Amazonas (Brasil) e Bolívar (Venezuela). As comunidades indígenas fronteiriças com o Brasil também denunciaram o aumento da presença de garimpeiros ilegais armados e a cumplicidade dos militares venezuelanos com esses grupos.

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos condenou o assassinato dos quatro indígenas Yanomami e pediu ao governo venezuelano que abrisse uma investigação independente sobre o caso e que leve os culpados à justiça. A situação nos Yanomami no Brasil também é grave. Entre 2016 e 2020, o garimpo ilegal de ouro cresceu 3.350% no território e agora afeta diretamente 273 comunidades Yanomami, totalizando 16.000 pessoas ou 56% da população total desta Terra Indígena. Em 2021, a atividade garimpeira aumentou 46% em comparação a 2020.

Essa invasão garimpeira resultou em grande aumento nos casos de violência, abuso sexual e altos índices de malária e de envenenamento por mercúrio entre os Yanomami.

Com 96 mil km², a Terra Indígena Yanomami é considerada a maior reserva indígena do Brasil, se estendendo do norte de Roraima até o rio Negro, no Estado do Amazonas. Tem cerca de 40 mil pessoas, das quais aproximadamente 28 mil vivem no Brasil e o restante na Venezuela.

A AMAZÔNIA TEM SALVAÇÃO?

Para tentar responder a essa pergunta, nos valem de uma das mais belas falas de Paulo Freire e dizemos que sim: tem que haver esperança. “É preciso ter esperança. Mas tem de ser esperança do verbo esperar. Porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. Esperança do verbo esperar não é esperança, é espera”.

A Amazônia não tem tempo para esperar. A situação da Amazônia é uma emergência global. Portanto, precisamos do esperar que age, revoluciona e tem esperança por mudar a história da Amazônia.

A maior floresta tropical do planeta pede socorro. E nosso esperar tem que ser revolucionário. Temos que nos unir para lutar em defesa da Amazônia.

Enquanto sociedade, precisamos abraçar a Amazônia e lutar contra os diversos crimes. Além dos danos ao meio ambiente, os crimes ambientais também têm relação com outros crimes, como o garimpo ilegal, tráfico de drogas, de armas e de pessoas e causam graves consequências sociais, como corrupção, trabalho escravo e violência contra povos originários e defensores/as da floresta. Mas como fazer isso?

Principalmente com o nosso voto. Num ano em que elegeremos um novo presidente no Brasil, é preciso cobrar dos candidatos à Presidência da República um programa que garanta a mudança de um modelo de desenvolvimento predatório para um regenerativo. Tem que ter um programa para a Amazônia nos planos de governo e compromissos de mudanças.

Também criando esforços combinados dos governos nacionais e internacionais, do setor privado, da sociedade civil e da cooperação regional e internacional.

E todos/as nós aqui juntos/as, discutindo o futuro, já estamos esperando: a Amazônia não está sozinha! Todos/as nós, unidos/as aos povos da floresta, aos povos indígenas, aos/às defensores/as, às comunidades, ribeirinhos/as, movimentos sociais e todos/as os/as mártires que deram suas vidas em defesa da floresta, vamos escrever novas páginas da história da Amazônia.

FONTES PARA O CONTEÚDO DESTA PUBLICAÇÃO

Sites: Repam, Irmandade dos Mártires, MST, CUT, Conectas, CIMI, MAB, MPF, IHU-UNISINOS, Survival Brasil, Vatican News, WWF, Instituto Socioambiental, APIB, Instituto Zé Claudio e Maria, Frontline Defenders, Observatório de Direitos Socioambientais (Brasil), ACI Digital, Com Shalom (Peru), Prensa Celam (Colômbia), Rede Amazônica (Bolívia), Fides, Alejandrolnes (Equador), Veículos de Imprensa: Brasil de Fato, Mongabay, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Repórter Brasil, Amazônia Real, Dom Total, Gaúcha ZH, Correio Braziliense, O Globo, G1, BBC News Brasil, El País, DW.

Irmã Dorothy Stang / Foto: arquivo pessoal / <http://memorialdademocracia.com.br/card/assassinato-de-dorothystang-choca-o-pais>

Vicente Cañas / Foto: Arquivo Cimi / <https://cimi.org.br/2017/11/apos-30-anos-acusado-de-agenciar-assassinato-do-missionario-vicente-canas-vai-a-juri-naproxima-quarta-feira/>

Chico Mendes / Foto: Xapuri socioambiental / <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/02/luta-chico-mendes-diferenca-hoje.html>

Dom Pedro Casaldáliga / Foto: CRB / <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/nota-de-pesar-pelo-falecimento-de-dom-pedro-casaldaliga/>

Nicolasa Nosa / Foto: La vida por la Amazonía / https://www.religiondigital.org/americas/REPAM-SIGNIS-ALC-Nicolasa-Nosa-documental-lider-indigena-bolivianaexplotacion-goma_0_2269573026.html

Irmã Cleusa / Foto: Reprodução/ Youtube / <https://www.agazeta.com.br/capixapedia/cleusa-rody-coelho-a-irma-que-pode-se-tornar-a-1-santa-capixaba-1019>

Maria Agustina de Jesús Rivas López, Aguchita / Foto: Reprodução / <https://gestion.pe/mundo/el-papa-beatificara-a-religiosa-peruana-maria-rivas-asesinada-por-terroristas-de-sendero-luminosonoticia/>

Padre Josimo / Foto: Reprodução / <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/10/ha-34-anos-padre-josimo-era-assassinado-por-sua-luta-em-defesa-da-terra>

Padre Alcides / Foto: Reprodução / <https://www.facebook.com/SIGNISamericalatina/videos/padre-alcides-jim%C3%A9nez-semillas-delputumayo/932178563654791/>

Alejandro Labaka e Inés Arango / Foto: Reprodução / <https://misioak.org/2021/07/34-aniversario-de-la-muerte-de-alejandro-e-ines/>

Yanomami / Foto: Moreno Saraiva Martins/ISA /

Paulino Guarajaja - Foto: Survival International / <https://amazoniareal.com.br/moro-recebeu-pedido-de-protecao-aos-guardioes-da-floresta-antes-da-morte-de-pauloguajajara/>

Wilson Pinheiro / Foto Reprodução / <https://str-ac.blogspot.com/2011/07/30-anos-sem-wilson-pinheiro.html>

José Cláudio Ribeiro e Maria do Espírito / Foto: Reprodução / <https://www.esquerdadiario.com.br/Assassinato-dos-ativistas-ambientais-Ze-Claudio-e-Maria-completa-dez-anos-e-segue-impune>

Dilma Ferreira Silva / Foto: Acervo MAB / <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/22/artigo-dilma-ferreira-seu-exemplo-nos-inspira-a-lutar>

Nilce de Souza Magalhães, Nicinha / Foto: Acervo MAB / <https://www.cptnacional.org.br/quem-somos/12-noticias/conflitos/3549-onze-meses-apos-crime-familiares-irao-sepultar-corpo-de-nicinha>

Cacique Emyra Wajapi / Foto: Reprodução / <https://apiboficial.org/2019/08/17/nota-de-repudio-ao-laudo-preliminar-da-pf-sobre-o-assassinato-de-cacique-wajapi/>

Bruno Pereira e Dom Phillips / Foto: Flickr e Reprodução/Twitter / <https://jornal.usp.br/artigos/o-caso-dom-phillips-e-bruno-pereira-e-os-crimes-contra-o-meio-ambiente-e-a-liberdade-de-imprensa/>

Realização:



Apoio:



Grupo Articulação Ecumênica e Inter-religiosa:

- ✦ Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE
- ✦ Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-Brasileira – CENARAB
- ✦ Comitê Dorothy
- ✦ Conselho Amazônico de Igrejas Cristãs – CAIC
- ✦ Conselho Indigenista Missionário – CIMI
- ✦ Conselho de Missão entre Povos Indígenas – COMIN
- ✦ Conselho Nacional de Igrejas Cristãs- CONIC
- ✦ Comitê Inter-religioso do Estado do Pará
- ✦ Comissão Pastoral da Terra – CPT
- ✦ Igreja Evangélica de Confissão Luterana – Belém
- ✦ Igreja Episcopal Anglicana do Brasil – Belém
- ✦ Fórum Ecumênico ACT Brasil – FEACT
- ✦ Koinonia Presença Ecumênica
- ✦ Processo de Articulação e Diálogo – PAD
- ✦ Rede Amazonizar
- ✦ Rede Eclesial Pan- Amazônica – REPAM
- ✦ Rede Igreja e Mineração